

Influência e metropolização futebolísticas na Região Metropolitana de Chapecó

Football influence and football metropolization in Chapecó Metropolitan Region

Influencia y metropolización futbolísticas en la Región Metropolitana de Chapecó

Fernando Rossetto Gallego Campos
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Chapecó
fernando.campos@ifsc.edu.br

Resumo

O crescimento econômico, político, social e cultural de Chapecó, aliado à constituição da Região Metropolitana de Chapecó (RMC), põe em curso um processo de metropolização do espaço na região. Este processo é acompanhado pela metropolização futebolística, impulsionada pelo sucesso esportivo e administrativo da Chapecoense nos últimos anos. O objetivo deste artigo é analisar o perfil dos torcedores de Chapecó e dos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC com mais de 10 mil habitantes (Xanxerê, Xaxim, Pinhalzinho, Seara, São Carlos e Coronel Freitas), a fim de subsidiar discussões sobre influência e metropolização futebolísticas. Para tal, aplicamos 2.324 formulários com questões sobre estruturas identitárias futebolísticas e padrão de consumo. Observa-se grande influência do espaço de representação do futebol de Chapecó nos demais municípios pesquisados, bem como considerável influência futebolística de Porto Alegre em toda RMC.

Palavras-chave: Futebol. Geografia. Chapecó. Identidade. Espaço de representação do futebol.

Abstract

Chapecó's economical, political, social and cultural growth allied to the constitution of Chapecó Metropolitan Region have started a space metropolization process in the region. This process goes along with football metropolization, due to Chapecoense's sport and administrative success in the last few years. This article aims at analyze Chapecó and over 10-thousand inhabitants cities of Metropolitan Core of Chapecó Metropolitan Region (Xanxerê, Xaxim, Pinhalzinho, Seara, São Carlos e Coronel Freitas) supporters' profile, in order to subsidize football influence and football metropolization discussions. Therefore, we applied 2.324 forms with questions about football identity and consumption pattern. There is great influence of Chapecó football representational space in the researched cities and a considerable football influence of Porto Alegre in whole Chapecó Metropolitan Region.

Keywords: Football. Geography. Chapecó. Identity. Football representational space.

Resumen

El crecimiento económico, político, social y cultural de Chapecó, aliado al constitución de la Región Metropolitana de Chapecó (RMC), se lo pone en curso en proceso de metropolización del espacio en la región. Este proceso es acompañado por la metropolización futbolística, impulsada por el suceso deportivo y administrativo de Chapecoense en los últimos años. El objetivo de este artículo es analizar el perfil de los hinchas de Chapecó y de los municipios del Nucleo Metropolitano de la RMC con más de 10 mil habitantes (Xanxerê, Xaxim, Pinhalzinho, Seara, São

Carlos e Coronel Freitas), a fin de subsidiar discusiones sobre influencia y metropolización futbolísticas. Para eso, aplicamos 2.324 formularios con cuestiones sobre estructuraciones identitaria futbolísticas y patrón de consumo. Observase grande influencia del espacio de representación de fútbol de Chapecó en los demás municipios pesquisados, así como considerable influencia futbolística de Porto Alegre en toda RMC.

Palabras clave: Fútbol. Geografía. Chapecó. Identidad. Espacio de representación del fútbol.

Introdução

O artigo 25 da Constituição Federal prevê a criação de regiões metropolitanas por parte dos estados “para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum” (BRASIL, 1988). Dentro deste contexto, na Região Intermediária de Chapecó, foi criada a Região Metropolitana de Chapecó (RMC), pela Lei Complementar nº 377, de 17 de abril de 2007 (SANTA CATARINA, 2007), modificada posteriormente pela Lei Complementar nº 571, de 24 de maio de 2012 (SANTA CATARINA, 2012a) e pela Lei Complementar nº 580, de 05 de outubro de 2012 (SANTA CATARINA, 2012b). Compreende, além de Chapecó (sede), outros 24 municípios, divididos em Núcleo Metropolitano da RMC (Xanxerê, Xaxim, Arvoredo, Paial, Seara, Guatambu, Planalto Alegre, Nova Itaberaba, Coronel Freitas, Pinhalzinho, Águas Frias, Nova Erechim, Águas de Chapecó, Saudades e São Carlos) e Área de Expansão Metropolitana da RMC (Itá, Xavantina, Faxinal dos Guedes, Marema, Quilombo, União do Oeste, Caxambu do Sul, Palmitos e Cunhataí) (Figura 1).

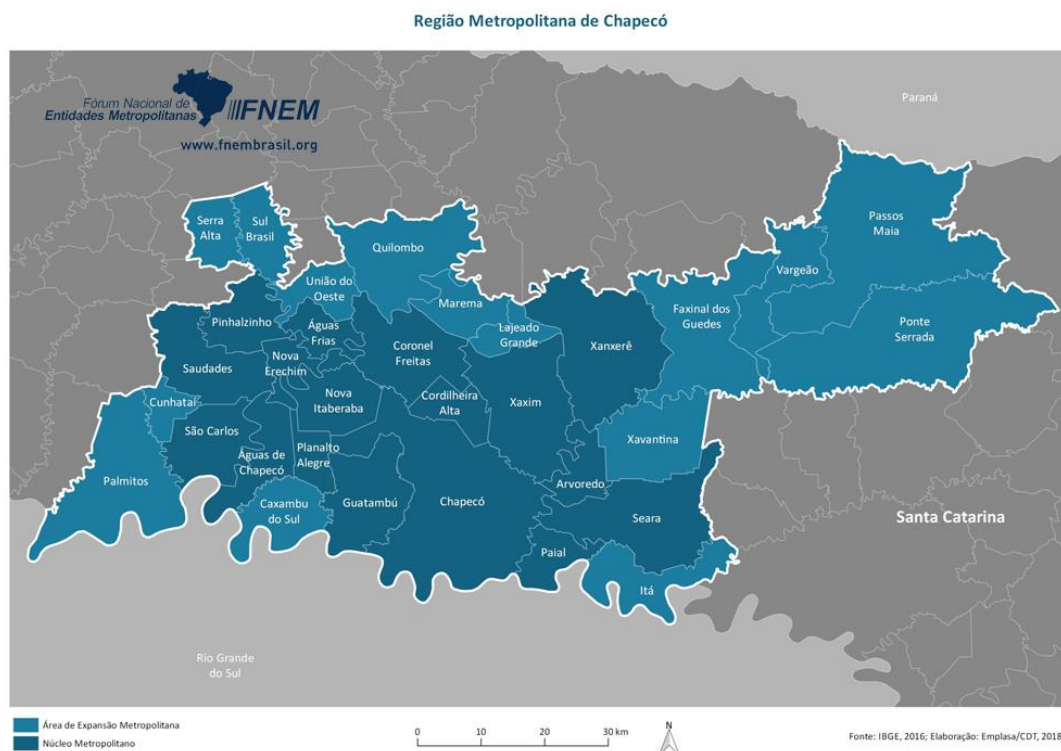


Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Chapecó
 Fonte: Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas (FNEM) (2020).

A RMC, portanto, é uma criação política, mas que tem fundamento na crescente integração dos serviços públicos e dos desenvolvimentos econômico e urbano dos municípios constituintes. A apreensão exata desta integração é difícil, mas pode ser mensurada por alguns indicadores, como: o fluxo de pessoas de um destes municípios que estudam ou trabalham em outro; a procura por cidadãos de outros municípios por serviços públicos ou privados (saúde, educação, aeroporto etc.) em Chapecó; e a influência cultural exercida pelo município-sede em relação aos demais.

O relatório Região de Influência das Cidades 2007 (Regic) (IBGE, 2008) apontava Chapecó como Capital Regional B, polarizando 98 municípios, que reuniam uma população de 889.764 habitantes. O Regic 2018 (IBGE, 2020) mantém o Arranjo Populacional (AP) de Chapecó como Capital Regional B, mas indica um aumento de sua área de influência em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, abrangendo 142 cidades, que concentram 1.453.713 habitantes. O IBGE utiliza como metodologia levantamentos de campo acerca da utilização de serviços públicos/privados (saúde, educação, transportes, etc.), influência econômica, política e também, de maneira secundária, cultural (IBGE, 2020).

No Regic 2007 (IBGE, 2008, grifo nosso), não havia nenhuma questão específica acerca do futebol (apenas uma pergunta sobre “cinema, teatro, shows, **jogos** e demais eventos artísticos ou **esportivos**”), apesar da grande importância deste como elemento social e cultural (MASCARENHAS, 2008; 2013; GIULIANOTTI, 2002; DAMATTA, 2006; 2008; DAMO, 2007;

FRANCO JÚNIOR, 2007; TOLEDO, 2013; GALLEGO CAMPOS, 2018). No Regic 2018 há uma questão mais específica sobre esportes: “Quais são os municípios mais procurados pela população para ir a *eventos esportivos*, incluindo *práticas esportivas* pela própria população?” (IBGE, 2020, grifo do autor).

A crescente influência do futebol na região como elemento identitário faz com que este questionamento seja de suma importância para a apreensão da extensão e do nível de influência cultural e social de Chapecó em relação aos municípios vizinhos e, mais especificamente, dos municípios da RMC. Esta influência cultural e social através do futebol é capaz de gerar impactos econômicos positivos em Chapecó, como venda de produtos e serviços ligados à Associação Chapecoense de Futebol e incremento do turismo de eventos nos dias e nos finais de semana de jogos do clube de Chapecó (aumento no movimento no setor hoteleiro, restaurantes, táxis, incremento no comércio, etc.) (GALLEGO CAMPOS, 2018).

Portanto, apesar do avanço apresentado no Regic 2018 (publicado posteriormente à pesquisa de campo) é necessário um levantamento sistemático e mais específico de dados relacionados à influência futebolística que a RMC recebe de outras metrópoles, bem como à influência do futebol de Chapecó nos municípios da RMC para se compreender como se dá o processo de metropolização futebolística de Chapecó, a fim de subsidiar uma discussão sobre a metropolização do espaço em sentido mais amplo. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar dados acerca do perfil dos torcedores de Chapecó e dos municípios do Núcleo Metropolitana da RMC com mais de 10 mil habitantes, a fim de subsidiar discussões sobre influência e metropolização futebolísticas.

O futebol é um elemento identitário capaz de articular múltiplas territorialidades, sobretudo considerando o grande número de migrantes em Chapecó. As estruturas identitárias futebolísticas expressam desde as territorialidades de origem dos imigrantes (torcer por clube da cidade ou região de origem, torcer por um time por influência familiar) quanto as (re)territorialidades (HAESBAERT, 2004) de identificação com a nova terra (torcer pela Chapecoense como primeiro ou segundo time) (GALLEGO CAMPOS; BETTONI, 2016).

Se Chapecó polariza os municípios da RMC, a cidade também é polarizada por metrópoles consolidadas: Curitiba e Porto Alegre (de acordo com o Regic 2007) e também Florianópolis (de acordo com o Regic 2018). Porto Alegre apresenta maior grau de polarização cultural, o que pode ser observado pela forte presença da cultura gaúcha – Chapecó possui dez Centros de Tradições Gaúchas (CTG), município fora do Rio Grande do Sul com maior número – e pelo tamanho da torcida de clubes porto-alegrenses – segundo Gallego Campos e Bettoni (2016), em pesquisa realizada entre 2013 e 2014, 60,32% dos participantes de Chapecó torciam para Grêmio de Football Porto Alegrense ou Sport Club Internacional. No entanto, esta última pesquisa também aponta considerável número de torcedores da Chapecoense, com 57,38% dos participantes tendo declarado

torcerem pelo clube como primeiro ou segundo time. A influência das metrópoles se estende aos demais municípios da RMC e, neste recorte espacial, não se tem dados concretos acerca do futebol que demonstrem nem a influência dos clubes gaúchos nem a expansão da Chapecoense.

Partimos de três questões de pesquisa: (1) Há uma influência crescente da Chapecoense no espaço de representação do futebol de Chapecó e deste nos demais municípios da RMC? (2) Porto Alegre continua exercendo uma forte influência futebolística em Chapecó e nos demais municípios da RMC? (3) Há um padrão de estruturação identitária com mais de um clube na RMC, sendo a Chapecoense o clube com mais torcedores?

Na primeira seção, discutimos o processo de metropolização em sentido amplo, a fim de podermos abordar a metropolização futebolística (terceira seção). Na segunda seção, descrevemos a metodologia da pesquisa, apresentando o recorte da pesquisa, os participantes e o instrumento. Na terceira seção, intitulada *Metropolização futebolística na RMC*, realizamos uma apresentação preliminar sobre as ideias de metropolização futebolística e estruturações identitárias futebolísticas para, posteriormente as discutirmos no contexto da RMC, à medida que apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa de campo, o que é feito em duas subseções: *perfil dos torcedores* e *consumo*. Por último, realizamos as considerações finais, esperando que esta pesquisa contribua com um campo ainda em construção da geografia do futebol e que fomente futuras discussões.

Processo de metropolização

Partindo-se de pressupostos *lefebvrianos*, o espaço é uma produção social, mas que também dialeticamente contribui na produção da sociedade (LEFEBVRE, 1991; 2003; 2008; SHIELDS, 1999; SOJA, 1996; SERPA, 2014). Para Lefebvre (1991), a espacialidade é constituída por três instâncias¹ – prática espacial (dimensão do percebido), representações do espaço (concebido) e espaços de representação (vivido) – que, segundo Soja (1996), formam a dialética da espacialidade. Desta forma, é possível pensar o espaço urbano como espaço produzido e como produtor da sociedade urbana, considerando suas três instâncias.

A crescente urbanização e o recente fenômeno de metropolização do espaço brasileiro têm trazido à tona uma profícua discussão no campo da Geografia Urbana (ver CARLOS, 2003; GOMES, 2006; LENCIONI, 2008; 2011; CATALÃO, 2010; SERPA, 2014). Identifica-se, porém, duas limitações na produção científica brasileira acerca da metropolização: uma de ordem de objeto e outra de abordagem (ou dimensão). A primeira se refere à grande produção acerca de metrópoles consolidadas, como São Paulo e Rio de Janeiro (ver CARLOS, 2003; LENCIONI, 2008, 2011), e a

¹ Para Lefebvre (1991), a espacialidade é composta por três instâncias coexistentes e interdependentes, ou seja, por uma dialética da triplicidade formada pela prática espacial (abarca a produção, a reprodução e a configuração espacial de cada formação social), representações do espaço (relacionado com as relações de produção e ao conhecimento), e espaços de representação (ligado à dimensão simbólica e artística).

relativa baixa produção acerca de áreas em processo de metropolização que têm como núcleo urbano cidades médias, como é o caso das regiões metropolitanas de Santa Catarina (ver MILANI; SILVA, 2009; OLIVEIRA JÚNIOR, 2010; MAIA; ROLIM, 2013; MATIELLO; VILLELA; FUJITA; OTSUSCHI; ALBA, 2017; VILLELA; FUJITA; ALBA, 2017; MORAES; GUARDA; ZACCHI, 2018). A segunda limitação é que, em geral, as dimensões política e, sobretudo, econômica do processo de metropolização são privilegiadas tanto em estudos de metrópoles consolidadas quanto em novas metrópoles, deixando em segundo plano questões culturais e aquelas ligadas à dimensão do vivido (espaços de representação), valorizadas em trabalhos como os de Catalão (2010), Pereira e Vaz (2010) e de Serpa (2014).

Para Lencioni (2011, p. 135), a metropolização é “a metamorfose do processo de urbanização”, tendo sua lógica pautada na reprodução do capital. Esta nova tendência de organização do espaço urbano tem gerado transformações do sistema produtivo, que passa a ser crescentemente articulado com a escala global e não mais apenas local ou nacional (LACOURT, 1999). Nas últimas décadas, Chapecó vem passando por este processo de aumento de influência local/regional e maior penetração em escala internacional/global, estimulado pelo crescimento do seu parque industrial (agroindústrias, metalmeccânico) e pelas oportunidades comerciais (exportações, feiras, exposições, *shopping center*, etc.). A própria criação da RMC está ligada a este contexto, a fim de coordenar politicamente a expansão econômica de Chapecó em um contexto de arranjos produtivos locais e de serviços urbanos compartilhados. A consolidação da RMC legitima o processo de metropolização de Chapecó e consolida a cidade na hierarquia urbana, através do exercício de múltiplas funções (CARLOS, 2003).

No entanto, a metropolização não é apenas um fenômeno de ordem política e econômica, tendo fundamentos e desdobramentos de ordem social e cultural. Segundo Ribeiro et al. (2012, p. 2), “a metropolização está ligada ao processo de urbanização, capaz de gerar dinâmicas territoriais de concentração e difusão dos artefatos econômicos, políticos, sociais e culturais em determinados aglomerados metropolitanos”. Esta definição coloca no mesmo patamar as três instâncias da espacialidade de Lefebvre (1991) e demonstra a importância do estudo das dimensões do percebido e do vivido no espaço urbano.

Um dos espaços de representação (dimensão do vivido) que estão mais presentes no cotidiano da cidade e de seus habitantes é o espaço de representação do futebol (GALLEGO CAMPOS, 2018). Apesar de relevantes, ainda há poucos estudos relacionando hierarquização urbana e metropolização com o futebol (ver RAVENEL, 1998; THÉRY, 2006; GALLEGO CAMPOS, 2020). Ravenel (1998) demonstra que há uma relação entre hierarquia urbana e hierarquia futebolística, de modo que o processo de metropolização contribui para a expansão de clubes das cidades centrais (metrópoles ou cidades com crescente centralidade, como é o caso de

Chapecó). É possível dizer que, de certa forma, o crescimento de Chapecó ajudou a impulsionar e também é impulsionado pela ascensão da Chapecoense à Série A do Campeonato Brasileiro. Fato evidenciado pela atribuição do papel de embaixadora da cidade à Chapecoense por diversos atores sociais relevantes, dentre eles seu falecido presidente, Sandro Pallaoro, e o ex-prefeito, José Caramori (A CHAPECOENSE, 2014). Percebe-se, portanto, uma apropriação política de um elemento cultural, o que evidencia um avanço da dimensão do concebido (representações do espaço) em direção ao vivido (espaços de representações), mas sobretudo a expansão da importância do espaço de representação do futebol na cidade de Chapecó e em sua área de influência.

Metodologia

Recorte

Para a realização da pesquisa, partimos da RMC como recorte geográfico. No entanto, como o número de municípios é bastante elevado (25) para a realização de pesquisa de campo em todos eles com o tempo e recursos que dispúnhamos, optamos por limitar o recorte para os municípios do Núcleo Metropolitano da RMC com mais de 10 mil habitantes: Xanxerê, Xaxim, Pinhalzinho, Seara, São Carlos e Coronel Freitas. Optamos pelo Núcleo Metropolitano devido à maior proximidade e integração urbana com Chapecó destes municípios em relação àqueles da Área de Expansão. Além disso, limitamos a pesquisa aos municípios com mais de 10 mil habitantes, pois estes, além do maior porte em relação aos demais, possuem maior grau de urbanização e de relação com Chapecó (IBGE, 2008; 2010).

Participantes

A amostragem foi de cerca de 1% da população de cada um dos municípios selecionados (total de 1291 participantes) e de cerca de 0,5% da população de Chapecó (1033 participantes). A fim de respeitar o perfil populacional de cada um dos municípios, foi calculada a proporção de sexo e de idade (faixas de 20 em 20 anos) através da pirâmide etária de cada um dos municípios, do Censo 2010 (IBGE, 2010). Foi admitida uma margem de erro de 5% nas proporções etárias. A idade dos participantes varia de 9 a 83 anos, com média de 33,08 anos. A Tabela 1 demonstra os dados populacionais dos municípios pesquisados.

Tabela 1 – Dados populacionais dos municípios da RMC pesquisados - 2016

Município	População (2016)	População masculina (%) (2010)	População feminina (%) (2010)	Participantes da pesquisa	Masculina – quantidade e porcentagem	Feminina – quantidade e porcentagem

Chapecó	209.553	49,38	50,62	1033	517 (50,05%)	516 (49,95%)
Xanxerê	49.057	48,91	51,09	443	221 (49,89%)	222 (50,11%)
Xaxim	27.921	49,69	50,31	286	143 (50,00%)	143 (50,00%)
Pinhalzinho	19.105	50,07	49,93	182	92 (50,55%)	90 (49,45%)
Seara	17.483	50,34	49,66	174	86 (49,43%)	88 (50,57%)
São Carlos	11.038	50,25	49,25	103	53 (51,46%)	50 (48,54%)
Cel. Freitas	10.165	50,81	49,19	103	52 (50,49%)	51 (49,51%)
TOTAL	344.322	-	-	2324	1164 (50,09%)	1160 (49,91%)

Fonte: IBGE (2010; 2016).

Instrumento de coleta

Foi elaborado um formulário para obtenção de dados acerca do perfil dos torcedores residentes nos municípios pesquisados. O formulário continha: uma seção de identificação (idade, sexo, escolaridade, residência, naturalidade); além de sete questões sobre o perfil dos torcedores e padrão de consumo:

1. Para que time você torce? (questão aberta)
2. Quanto você torce para este time? (alternativas: pouco, razoável, muito)
3. Você torce para um segundo time? Qual? (questão aberta)
4. Quanto você torce para este time? (alternativas: pouco, razoável, muito)
5. Quantas vezes você foi assistir a jogos da Chapecoense no estádio nos últimos 12 meses? (questão aberta)
6. Quando vai aos jogos da Chapecoense? (alternativas: somente em finais de semana, somente durante a semana, em ambos).
7. Você é sócio da Chapecoense? (alternativas: sim, não)
8. Quantas camisas da Chapecoense você tem? (alternativas: nenhuma, uma, duas a quatro, cinco ou mais)

Os formulários foram aplicados presencialmente, um a um, em visitas a cada um dos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC com mais de 10 mil habitantes e em espaços públicos de Chapecó, entre março e setembro de 2016. Posteriormente, foram tabulados e analisados através do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)².

Metropolização futebolística na Região Metropolitana de Chapecó

É necessário realizar, antes de tudo, uma discussão acerca do termo *metropolização futebolística*. Este pode ser entendido como metropolização *do* futebol ou metropolização *a partir*

² Software de organização de dados e análise estatística amplamente utilizado na área das Ciências Humanas.

do futebol. A primeira concepção está presente em Ravenel (1998) ao analisar a lógica de distribuição espacial do futebol e sua relação com a hierarquia e centralidade urbanas. Neste caso, o futebol (profissional) é expressão da metropolização do espaço na medida em que os clubes que disputam os principais campeonatos e possuem maiores receitas são aqueles sediados em metrópoles ou cidades de grande a médio porte. Na segunda concepção, a qual privilegiaremos na discussão a seguir, o futebol é um agente catalisador do processo de metropolização, ou seja, este participa, como elemento simbólico, cultural e identitário, na construção da ideia de uma metrópole (ou de uma capital regional), através da influência que seu espaço de representação do futebol exerce nos municípios adjacentes. Assim, entendemos que o futebol é um dos elementos de um processo de metropolização multidimensional. No entanto, apesar de estar relacionado a questões econômicas e sociais, o futebol, no nosso entendimento, não pode ser visto como mero reflexo delas, o que justifica o termo *metropolização futebolística*.

Estruturações identitárias futebolísticas

As estruturações identitárias futebolísticas são uma das categorias de mediação do espaço de representação do futebol, instância simbólica da experiência vivida do futebol e que possui inter-relações com as demais instâncias da espacialidade (GALLEGO CAMPOS, 2018). Diferentemente de demais estruturações identitárias, que ganham caráter mais fluido e mutável na pós-modernidade (HALL, 2005; MAFFESOLI, 2006), a futebolística mantém caráter mais fixo, apesar de ser passível de modificações. Isto ocorre porque convencionou-se que a escolha de um time para torcer é definitiva e que, portanto, trocar de clube é algo socialmente condenável (DAMO, 2007). Mesmo assim, percebemos ocasiões em que as pessoas passam a torcer por mais de um clube – desde que não haja conflito de disputa de territorialidade, como dois clubes da mesma cidade. Neste caso, eventualmente, aquele que era o segundo time passa gradativamente a se tornar o preferido.

O espaço de representação do futebol de Chapecó se caracteriza por apresentar dinâmicas de modificações nas estruturações identitárias futebolísticas mais acentuadas do que em espaços de representação do futebol mais consolidados, como em grandes centros futebolísticos (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba). Isto ocorre devido à Chapecoense, único clube da cidade e da Região Intermediária de Chapecó a disputar constantemente a Série A do Campeonato Catarinense³, ter sido fundado somente em 1973 e ter conseguido destaque nacional apenas em 2013, quando disputou pela primeira vez a Série B do Campeonato Brasileiro e conseguiu acesso à Série A 2014. Antes disto, estruturações identitárias futebolísticas de clubes gaúchos (Grêmio-RS e Internacional-RS) já estavam estabelecidas na RMC graças ao processo de

³O Concórdia Atlético Clube também disputou o Campeonato Catarinense da Série A em 2020, mas na época em que a pesquisa foi realizada, na Série B.

ocupação da região, que se deu sobretudo por migrantes gaúchos, bem como ao sucesso futebolístico em escala regional, nacional e internacional já estabelecido há muitas décadas por parte de Grêmio e Internacional. Tais estruturas identitárias recebiam (e ainda recebem, em menor escala) reforço das mídias regional e local, a qual nos últimos anos têm dado maior espaço para notícias da Chapecoense.

Perfil dos torcedores

A Tabela 2 apresenta os dados referentes à questão 1 do formulário: *Para que time você torce?*. Em Chapecó, dos 1033 participantes, apenas 90 (8,71%) responderam que não torcem para nenhum time de futebol. Foram citados 8 clubes pelos 943 participantes que declararam torcer por algum: Chapecoense-SC (por 448, o que representa 43,37%); Grêmio-RS (266; 25,75%); Internacional-RS (217; 21,01%); Corinthians-SP (5; 0,48%); São Paulo-SP (3; 0,29%); Flamengo-RJ (2; 0,19%); Santos-SP (1; 0,10%); e Palmeiras-SP (1; 0,10%). Percebe-se hegemonia do clube da cidade, que representa pouco menos da soma dos dois clubes gaúchos citados (483; 46,76%). Mesmo assim, os clubes porto-alegrenses possuem grande penetração identitária em Chapecó e considerável índice de polarização futebolística. No entanto, comparando com levantamentos realizados anteriormente (GALLEGO CAMPOS; BETTONI, 2016), há registro de queda no número de torcedores destes clubes, provavelmente devido à recente ascensão da Chapecoense. Clubes paulistas e cariocas, hegemônicos em quase todo o território nacional, foram pouco citados – 10 (0,97%) e 2 (0,19%) menções, respectivamente – o que explicita baixa polarização futebolística por parte das metrópoles nacionais (São Paulo e Rio de Janeiro) em relação a Chapecó. Clubes de Curitiba e Florianópolis, metrópoles em que Chapecó encontra-se na área de influência (IBGE, 2008; 2020), não foram citados.

Tabela 2 – Times para que torcem os participantes, por município – 2016

Município	Para que time você torce?									
	Chapecoense		Grêmio		Internacional		Nenhum		Outros	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Xanxerê	137	30,93	136	30,70	105	23,70	49	11,06	16	3,61
Xaxim	98	34,27	88	30,77	63	22,03	26	9,09	11	3,85
Pinhalzinho	45	24,72	63	34,61	49	26,92	14	7,69	11	6,04

Seara	63	36,21	46	26,44	39	22,41	22	12,64	4	2,30
São Carlos	32	31,07	35	33,98	24	23,30	12	11,65	0	0,00
Coronel Freitas	34	33,01	29	28,16	26	25,24	12	11,65	2	1,94
TOTAL RMC	409	31,68	397	30,75	306	23,70	135	10,46	44	3,41
Chapecó	448	43,37	266	25,75	217	21,01	90	8,71	12	1,16
CHAPECÓ + RMC	857	36,88	663	28,53	523	22,50	225	9,68	56	2,41

Fonte: do autor

Nos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC, dos 1291 participantes, 135 (10,46%) declararam não torcer para nenhum time (Tabela 2). A porcentagem média destes municípios é superior, mas semelhante à de Chapecó, o que demonstra que o futebol também faz parte do cotidiano dos moradores destas cidades. Pinhalzinho apresenta a menor porcentagem de participantes que declararam não torcer por nenhum time (7,69%), sendo o único município com percentual menor que o de Chapecó. Já Seara é aquele que apresenta a maior porcentagem: 12,64%.

O Vasco da Gama-RJ foi o único time mencionado na RMC e não em Chapecó. Os clubes citados pelos participantes do Núcleo Metropolitano da RMC foram: Chapecoense (408; 31,60%); Grêmio-RS (396; 30,67%); Internacional-RS (308; 23,86%); Corinthians-SP (17; 1,32%); Vasco-RJ (11; 0,85%); São Paulo-SP (5; 0,39%); Flamengo-RJ (5; 0,39%); Santos-SP (4; 0,31%); e Palmeiras-SP (2; 0,23%). Observa-se que não há diferença entre Chapecó e a RMC em relação aos três times mais bem colocados e nem diferença considerável da porcentagem da soma deles: 90,13%, em Chapecó, e 86,13%, nos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC. Entretanto, registrou-se uma considerável diferença no percentual de cada um destes três clubes. Na RMC, a Chapecoense apresenta 11,77 pontos percentuais a menos (43,37% em Chapecó e 31,60% na RMC) do que em Chapecó, enquanto Grêmio e Internacional 4,92 e 2,67 pontos percentuais a mais, respectivamente. Estes números indicam considerável influência futebolística de Chapecó nos municípios da RMC, sendo indício da metropolização futebolística. Tal processo é fomentado pelo sucesso futebolístico da Chapecoense em escala nacional e internacional, bem como por discursos e propagandas do clube a fim de construir a imagem da Chapecoense como clube da região. As porcentagens demonstram também maior polarização futebolística de Porto Alegre nos municípios da RMC do que em Chapecó, mas também baixo nível de influência das metrópoles São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, bem como de Florianópolis tanto em Chapecó quanto nos municípios pesquisados da RMC.

Os dados também podem indicar uma tendência de redefinição de estruturas identitárias em curso na região – que apresenta maior intensidade e estágio mais avançado em Chapecó –, que é

a migração de torcedores de Grêmio e Internacional para a Chapecoense. Entretanto, tal migração não é total, ou seja, o torcedor de um clube gaúcho que já tinha a Chapecoense como segundo time passa a torcer para o clube de Chapecó como primeiro time, mas mantém a torcida para o clube do Rio Grande do Sul como segundo time. Tal hipótese encontra fundamento no grande número de participantes que declararam torcer para dois times: 577 (55,86%) em Chapecó e 706 (54,96%) nos municípios da RMC pesquisados, o que representa, respectivamente, 61,19% e 61,07% daqueles que declaram torcer por algum time. Estas elevadas e semelhantes porcentagens indicam um padrão de estruturas identitárias futebolísticas estabelecido na região. Tal padrão está ligado a estruturas identitárias mais gerais, ligadas não apenas à influência futebolística exercida por Porto Alegre na RMC, mas na importância da identidade gaúcha na região, devido ao processo de colonização e dos movimentos migratórios do Rio Grande do Sul para Chapecó. Chapecoense, Grêmio e Internacional são também os clubes mais citados como segundo time, reforçando o padrão de participantes que torcem, ao mesmo tempo, para a Chapecoense e para um clube gaúcho (561 em Chapecó – 59,49% – e 651 nos demais municípios – 56,31%).

A Tabela 3 apresenta os dados da questão 1 (*Para que time você torce?*) somados aos da questão 3 (*Você torce para um segundo time? Qual?*). Se somados primeiro e segundo times citados pelos participantes, a Chapecoense lidera em todos os municípios pesquisados. Em Chapecó, 78,51% dos participantes declararam torcer pela Chapecoense, o que ao ser projetado para o total da população do município, representa 164.520 torcedores. Dentre os municípios do Núcleo Metropolitano da RMC pesquisados, Xaxim é o que apresenta maior porcentagem, com 75,52% de participantes que declararam torcer pela Chapecoense, seguido de Seara (74,71%), Xanxerê (73,14%), São Carlos (71,84%), Coronel Freitas (69,90%) e Pinhalzinho (63,74%). Se projetados os percentuais às populações dos referidos municípios, o número total de torcedores da Chapecoense neles é de 41.719, estimando-se, assim, no mínimo, 206.239 torcedores do clube na RMC toda.

Tabela 3 – Clubes para que torcem os participantes da pesquisa considerando primeiro e segundo times por município – 2016⁴

Município	Soma dos resultados das questões “Para que time você torce?” e “Você
-----------	--

⁴ Esta tabela traz a soma das respostas de duas perguntas: “Para que time você torce?” e “Você torce para um segundo time? Qual?”. Sendo assim, as quatro primeiras colunas trazem o total de citação dos clubes (Chapecoense, Grêmio, Internacional e soma de *Outros*). Portanto, o número somado de ocorrências é maior do que o total de participantes, já que é comum que se torça por mais de um clube. Por exemplo, 324 dos 443 participantes da pesquisa de Xanxerê disseram torcer pela Chapecoense (como primeiro ou segundo time), perfazendo 73,14% dos participantes daquela cidade. Em Xanxerê 156 participantes disseram que torcem para o Grêmio (primeiro ou segundo time), compreendendo 35,21%. Se somadas as porcentagens do Internacional e de *Outros* em Xanxerê, o valor ultrapassa 100%. Isso porque o mesmo participante pode torcer para a Chapecoense e para o Grêmio ou para a Chapecoense e para o Internacional (as duas combinações com maior ocorrência). Na última coluna, há o número e a porcentagem de participantes que declararam torcer por apenas um clube (independentemente de qual). Este dado ajuda a dar a dimensão de quanto torcer por dois clubes é comum nos municípios pesquisados.

	torce para um segundo time? Qual?"									
	Chapecoense		Grêmio		Internacional		Outros		Torcem para um único time	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Xanxerê	324	73,14	156	35,21	134	30,25	20	4,51	154	34,76
Xaxim	216	75,52	106	37,06	82	28,67	21	7,34	95	33,22
Pinhalzinho	116	63,74	75	41,21	74	40,66	12	6,59	59	32,42
Seara	130	74,71	56	32,18	51	29,31	6	3,45	61	35,06
São Carlos	74	71,84	37	35,92	30	29,12	0	0,00	41	39,81
Coronel Freitas	72	69,90	32	31,07	34	33,01	4	3,88	40	38,83
TOTAL RMC	932	72,19	462	35,79	405	31,37	63	4,88	450	34,86
Chapecó	811	78,51	358	34,66	330	31,95	21	2,03	363	35,14
CHAPECÓ + RMC	1743	75,00	820	35,28	735	31,63	84	3,61	813	34,98

Fonte: do autor

Considerando apenas aqueles que declaram torcer por algum clube, o percentual de torcedores da Chapecoense se eleva para 86,00% em Chapecó; 85,53% em Seara; 83,08% em Xaxim; 82,23% em Xanxerê; 81,32% em São Carlos; 79,12% em Coronel Freitas; e 69,05% em Pinhalzinho. Este último município é também o que apresenta maiores percentuais de torcedores de Grêmio (41,21%) e Internacional (40,66%). No entanto, Pinhalzinho possui a menor porcentagem de torcedores por um único clube, devido ao fato de 88,79% dos torcedores da Chapecoense declararem torcer por outro time. Já em São Carlos é onde há maior porcentagem de torcedores por um único time (39,81%). Coronel Freitas é o município com menor porcentagem de gremistas (31,07%); Xaxim é onde há proporcionalmente menos torcedores do Internacional (28,67%); e Seara é onde há menos torcedores dos dois clubes de Porto Alegre somados (61,49%). Percebe-se que mesmo os mais baixos índices de influência futebolística por parte dos times gaúchos são relativamente elevados.

A Tabela 4 traz a soma dos resultados das questões 2 e 4: *Quanto você torce para este time?* (a questão 2 era referente ao primeiro time e a questão 4, ao segundo). As alternativas de ambas as questões eram: *pouco, razoável e muito*.

Tabela 4 – Intensidade de torcida por clube e por município – 2016

Município	Quanto você torce para seu time?		
	Chapecoense	Grêmio	Internacional

	M	R	P	NR	M	R	P	NR	M	R	P	NR
Xanxerê	36,0	52,9	8,8	2,2	21,2	54,0	23,4	1,5	24,5	47,2	28,3	0,0
Xaxim	30,3	61,6	6,1	2,0	26,1	54,5	18,2	1,1	33,3	36,5	30,2	0,0
Pinhalzinho	31,1	51,1	17,8	0,0	24,2	41,9	33,9	0,0	37,5	47,9	14,6	0,0
Seara	30,2	63,5	6,3	0,0	17,4	63,0	19,6	0,0	18,0	41,0	41,0	0,0
São Carlos	37,5	50,0	12,5	0,0	28,6	65,7	5,7	0,0	25,0	41,7	33,3	0,0
Coronel Freitas	32,4	58,8	8,8	0,0	27,6	58,6	13,8	0,0	38,5	38,5	23,1	0,0
TOTAL RMC	33,0	56,7	9,1	1,2	23,4	54,7	21,1	0,8	28,8	43,1	28,1	0,0
Chapecó	63,2	29,2	6,5	1,1	37,2	42,5	18,1	2,3	39,2	37,8	23,0	0,0
CHAPECÓ + RMC	48,8	42,3	7,7	1,2	29,0	49,8	19,9	1,4	33,1	40,9	26,0	0,0

Legenda: M = muito; R = razoável; P = pouco; NR = não responderam.

Fonte: do autor

A partir destes dados, percebemos que a intensidade de torcida em Chapecó é mais elevada do que nos demais municípios pesquisados, tanto para a Chapecoense quanto para os clubes de Porto Alegre. Em Chapecó, 50,27% daqueles que declararam torcer por algum time disseram torcer muito. Este percentual é maior para a Chapecoense (63,17%), demonstrando a intensidade do envolvimento dos habitantes de Chapecó com o clube da cidade, evidenciando a proximidade (MAFFESOLI, 2006). Além disso, 53 participantes que declararam torcer pela Chapecoense como segundo time, responderam torcer mais para a Chapecoense do que para o outro clube.

A Chapecoense é o clube com menos torcedores que declararam torcer razoavelmente (29,24%) e pouco (6,74%). Os clubes gaúchos apresentam menor intensidade de torcida que a Chapecoense. Há mais torcedores que declararam torcer com intensidade razoável para o Grêmio (42,48%) do que torcer muito (37,22%). Já o Internacional apresenta maior percentual de torcedores que disseram torcer muito (39,17%) do que razoavelmente (37,79%) para o clube. Mesmo assim, a intensidade de torcida é bastante inferior àquela dos participantes que torcem para a Chapecoense. Isto reforça a ideia de redefinição de estruturação identitária futebolística, que encontra fundamento no crescimento esportivo, econômico, político e social da Chapecoense e nas territorialidades de caráter local e proxêmico típicas do paradigma da socialidade (HALL, 2005; MAFFESOLI, 2006).

Dentre os municípios do Núcleo Metropolitano da RMC pesquisados, Pinhalzinho é o que apresenta maior percentual de participantes que declararam torcer muito para o seu time (34,94%), com destaque para o Internacional (37,5% declararam torcer muito), Chapecoense (31,11%) e Grêmio (24,19%) (Tabela 4). Coronel Freitas possui a segunda maior porcentagem de participantes que responderam torcer muito para seu time (34,07%), com destaque também para o Internacional

(38,46%). O município com menor porcentagem de participantes que torcem muito é Seara (25%) seguido por Xanxerê (28,86%). Nos dois municípios, os clubes gaúchos contribuem para baixar a média: em Seara 17,39% e 17,95% para Grêmio e Internacional, respectivamente; em Xanxerê, 21,16% e 24,53%. Em contrapartida, Xanxerê é o segundo município da RMC com a maior porcentagem de participantes que declararam torcer muito para a Chapecoense (36,03%), atrás apenas de São Carlos (37,50%).

Em comparação com os clubes porto-alegrenses, a Chapecoense não se destaca apenas por ter o maior percentual de participantes que declararam torcer muito em quatro dos sete municípios pesquisados, mas também por possuir os menores percentuais de torcedores que responderam torcer pouco pelo clube em todos os municípios, com exceção a Pinhalzinho (Internacional, com 14,6%) e São Carlos (Grêmio, com 5,7%). Os menores percentuais são encontrados em Xaxim (6,1%) e Seara (6,3%), mas em ambos os municípios a maior parte dos torcedores da Chapecoense declarou torcer razoavelmente, assim como nos demais municípios do Núcleo Metropolitano da RMC pesquisados. Já em Chapecó, apesar da porcentagem dos que declararam torcer pouco para a Chapecoense ser ligeiramente superior (6,50%), a maioria dos torcedores declarou torcer muito para o clube (63,2%), demonstrando diferença da intensidade de torcida em relação aos demais municípios pesquisados. O maior número e maior intensidade de torcida para a Chapecoense em Chapecó era esperado, porém a intensidade encontrada nos demais municípios foi surpreendentemente mais expressiva.

A fim de expressar numericamente a intensidade de torcida dos clubes em cada um dos municípios, elaboramos um índice, com variação de 1 a 3. Para o seu cálculo, consideramos peso 1 àqueles que declararam torcer pouco para o clube e para aqueles que não responderam; peso 2, para razoavelmente; e peso 3, para muito. O peso foi aplicado à quantidade de respostas de cada uma das categorias e, posteriormente, dividido pelo total de torcedores do clube no município (considerando 1º e 2º times). A Tabela 5 apresenta os índices calculados para cada um dos clubes por município. O maior índice da Chapecoense foi encontrado em Chapecó (2,36), seguido por Coronel Freitas (2,14), Xaxim (2,08), Seara (2,06), Xanxerê (2,05), São Carlos (2,05) e Pinhalzinho (2,00). A Chapecoense foi o único time que obteve índice igual ou maior a 2,00 em todos os municípios, indicando que a torcida para a Chapecoense na região é de nível razoável para muito intenso. Em quatro dos sete municípios investigados, Grêmio e Internacional obtiveram índices inferiores a 2,00 evidenciando que a torcida para estes clubes é, em média, menos intensa.

Tabela 5 – Índice de intensidade de torcida por clube e por município – 2016

Município	Índice de intensidade de torcida
-----------	----------------------------------

	Chapecoense	Grêmio	Internacional	Outros
Chapecó	2,36	2,19	2,15	2,25
Xanxerê	2,05	1,89	1,63	2,10
Xaxim	2,08	1,93	1,87	1,55
Pinhalzinho	2,00	1,89	2,15	2,83
Seara	2,06	1,82	1,67	2,50
São Carlos	2,05	2,16	1,80	-
Coronel Freitas	2,14	2,03	2,06	2,25

Fonte: do autor

Em Chapecó, Coronel Freitas, Seara, Xanxerê e Xaxim, o índice da Chapecoense foi superior ao dos dois clubes gaúchos. Os menores índices encontrados foram 1,63 para o Internacional, em Xanxerê, e 1,82 para o Grêmio, em Seara. Já os maiores índices dos clubes de Porto Alegre foram registrados em Chapecó: 2,19 para o Grêmio e 2,15 para o Internacional (empatado com Pinhalzinho). Isto demonstra que o futebol está mais presente na vida cotidiana de Chapecó, bem como que a influência futebolística porto-alegrense, apesar de proporcionalmente mais intensa nos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC, é muito forte em Chapecó. Chapecó e Coronel Freitas foram os únicos municípios com índice de intensidade de torcida superior a 2,00 para todos os times mencionados pelos participantes.

Consumo

Além da estruturação identitária, analisamos também os padrões e hábitos de consumo dos torcedores de Chapecó e dos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC pesquisados. A seguir, apresentaremos os dados referentes à frequência com a qual assistem no estádio aos jogos da Chapecoense, em quais dias da semana costumam ir a jogos, a serem ou não sócios do clube e a quantas camisas da Chapecoense possuem. Todos os dados serão analisados considerando apenas os participantes que se declararam torcedores da Chapecoense como primeiro ou segundo time.

A Tabela 6 apresenta os dados da questão 5 (aberta): *Quantas vezes você foi assistir a jogos da Chapecoense no estádio nos últimos 12 meses?*. Chapecó é o município com maior proporção de torcedores que frequentaram o estádio Arena Condá nos últimos 12 meses (50,68%), sendo a maior ocorrência na faixa de 2 a 4 jogos (20,35%) e menor na de mais de 10 jogos⁵ (5,30%). Projetando para o total da população, significa que, no período de 12 meses anteriores à coleta de dados, 106.201 habitantes de Chapecó foram a jogos da Chapecoense e que 11.106 compareceram em mais

⁵A questão era aberta, havendo participantes que responderam numericamente e outros com “sempre”, “sempre que possível” e “quase sempre”. Estas três últimas respostas foram agrupadas na categoria 10 ou mais jogos.

de 25% dos jogos do clube no ano⁶. Apesar do percentual de torcedores que declararam ir a jogos nos últimos 12 meses ser maior em Chapecó, os demais municípios, com exceção a Pinhalzinho (2,59%), registram percentual superior de participantes que responderam ter ido em mais de 10 jogos no ano (média de 6,22%, com destaque para Xaxim, com 7,41%), o que demonstra grande influência futebolística de Chapecó nos municípios pesquisados considerando a presença e a assiduidade em jogos da Chapecoense.

A questão 6 era *Quando vai aos jogos da Chapecoense?*, com as seguintes alternativas: *somente em finais de semana, somente durante a semana, e em ambos*. Observa-se que a maioria dos torcedores de todos os municípios pesquisados, inclusive de Chapecó, frequenta o estádio nos fins de semana. Destaque para os percentuais de São Carlos (93,33%), Xanxerê (88,24%) e Coronel Freitas (85,71%), todos eles maiores que o percentual de Chapecó (84,78%). Se considerarmos apenas os torcedores que declararam ir a jogos só nos finais de semana, São Carlos (86,67%) e Xanxerê (76,47%) continuam registrando os maiores percentuais, acompanhados de Seara (71,43%). Uma das possíveis explicações é o relativamente elevado tempo de deslocamento para Chapecó – cerca de 45 minutos de Xanxerê, de 50 minutos de Seara e de 1 hora de São Carlos – que poderia dificultar a chegada dos torcedores no horário dos jogos durante a semana e/ou fazer com que retornassem muito tarde para suas casas depois das partidas. Entretanto, é necessário considerar também questões de rotina (trabalho, estudo, família) como limitadores da ida de torcedores dos municípios da RMC aos jogos da Chapecoense durante a semana. Xaxim, município com menor tempo de deslocamento para Chapecó (cerca de 30 minutos), é o único com percentual de torcedores que vão a jogos só nos finais de semana (53,70%) inferior ao de Chapecó (61,42%).

Tabela 6 – Assiduidade dos torcedores da Chapecoense na Arena Condá por município - 2016

Município	Nos últimos 12 meses, quantos jogos da Chapecoense você foi assistir no estádio?									
	Nenhum		1 jogo		2 a 4 jogos		5 a 10 jogos		+ de 10 jogos	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Xanxerê	169	52,16	62	19,14	60	18,52	10	3,09	23	7,10
Xaxim	121	56,02	39	18,06	35	16,20	5	2,31	16	7,41
Pinhalzinho	61	52,59	12	10,34	34	29,31	6	5,17	3	2,59
Seara	78	60,00	23	17,69	18	13,85	3	2,31	8	6,15
São Carlos	40	54,05	16	21,62	14	18,92	0	0,0	4	5,41
Coronel Freitas	41	56,94	13	18,06	9	12,50	5	6,94	4	5,56

⁶Em 2015, a Chapecoense disputou 32 jogos oficiais em casa e, em 2016, 36.

TOTAL RMC	510	54,72	165	17,70	170	18,24	29	3,11	58	6,22
Chapecó	400	49,32	145	17,88	165	20,35	58	7,15	43	5,30
CHAPECÓ + RMC	910	52,21	310	17,79	335	19,22	87	4,99	101	5,79

Fonte: do autor

A questão 7 era *Você é sócio da Chapecoense?*, com as alternativas *sim* ou *não*. Dentre os participantes, 203 disseram ser sócios da Chapecoense (25,03% dos que se declararam torcedores do clube). Dentre os municípios do Núcleo Metropolitano da RMC pesquisados, Coronel Freitas (18,06%) e São Carlos (16,22%) foram os que registraram o maior percentual de sócios dentre os torcedores. Já Pinhalzinho foi aquele que apresentou a menor porcentagem (7,76%). Apesar disto, este município possui um consulado atuante da Chapecoense desde 2016 e sempre presente nos jogos (Figura 2). Os outros municípios pesquisados também possuem consulados: Xanxerê (desde 2013), Coronel Freitas (2014), São Carlos (em conjunto com Águas de Chapecó e Cunhataí, desde 2016), Xaxim (2017) e Seara (2017). Os consulados demonstram a metropolização futebolística por parte de Chapecó, mas, por outro lado, o fato de todos os municípios pesquisados, inclusive Chapecó, possuírem consulados do Internacional e do Grêmio mostra a influência futebolística exercida por Porto Alegre em toda a região.



Figura 2 – Outdoor do Consulado da Chapecoense de Pinhalzinho

Fonte: CONSULADO, 2016.

A Tabela 7 apresenta os resultados da questão 8: *Quantas camisas da Chapecoense você tem?*, com as alternativas: *nenhuma*, *uma*, *duas a quatro*, e *cinco ou mais*. É possível observar que o consumo de produtos do clube, o que pode ser sintetizado pela camisa (maior bem simbólico por

carregar as cores e escudo do time), é maior em Chapecó, mas também é considerável nos demais municípios pesquisados.

Tabela 7 – Quantia de camisas da Chapecoense por torcedor por município – 2016

Município	Quantas camisas da Chapecoense você tem?							
	Nenhuma		1		2 a 4		5 ou mais	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Xanxerê	170	52,47	107	33,02	41	12,65	6	1,85
Xaxim	107	49,54	81	37,50	24	11,11	4	1,85
Pinhalzinho	61	52,59	39	33,62	15	12,93	1	0,86
Seara	70	53,85	40	30,77	20	15,38	0	0,0
São Carlos	41	55,41	27	36,49	4	5,41	2	2,70
Coronel Freitas	40	55,56	22	30,56	9	12,50	1	1,39
TOTAL RMC	489	52,47	316	33,91	113	12,12	14	1,50
Chapecó	262	32,31	396	48,83	144	17,76	9	1,11
CHAPECÓ + RMC	751	43,09	712	40,85	257	14,74	23	1,32

Fonte: do autor

Dentre os participantes de Chapecó que declararam torcer para a Chapecoense, menos de um terço (32,31%) afirmou não possuir camisa do clube. A maioria possui uma camisa (48,83%), mas um número considerável (17,76%) declarou ter de 2 a 4 camisas, o que caracteriza um nível intenso de torcida convertido em consumo de produtos. Dentre os demais municípios pesquisados, Xaxim é o que registra menor percentual de torcedores que não possuem camisa (49,54%), corroborando os dados obtidos de intensidade de torcida e presença no estádio (respectivamente, o segundo maior percentual e o maior percentual de torcedores que foram em mais de 10 jogos nos últimos 12 meses). Nos demais municípios, a maior parte dos torcedores não possui camisas da Chapecoense, sendo que em Coronel Freitas (55,56%) e São Carlos (55,41%) as porcentagens são mais elevadas. São Carlos é o município com maior percentual de torcedores com 5 ou mais camisas (2,70%), mas é também o com menor porcentagem daqueles que têm 2 camisas ou mais (8,11%). Neste quesito, Seara (15,38%) é quem mais se aproxima de Chapecó (18,87%).

Considerações finais

O processo de metropolização futebolística não se dá de maneira independente do processo *lato* de metropolização do espaço, mas também não é seu reflexo direto. A constituição de Chapecó

como Capital Regional (e o eventual processo em curso de constituição como metrópole) ocorreria – com algumas diferenças – mesmo sem o sucesso esportivo e administrativo da Chapecoense. No entanto, a Chapecoense tem papel importante neste processo, pois contribui com fluxos populacionais e econômicos, constituindo-se também como o principal elemento simbólico-identitário da região e construtor de territorialidades. Do mesmo modo, o desenvolvimento de Chapecó e a identificação do empresariado local com a Chapecoense são importantes para o crescimento do clube. Porém, é impossível afirmar que o sucesso do clube é exclusivamente tributário do crescimento urbano.

Outro ponto a ser considerado é que as estruturas identitárias, além do caráter (mais ou menos) fixo (como já frisamos), apresentam caráter de multiterritorialidade, ou seja, podem assumir diferentes escalas simultaneamente, o que explica o elevado número de torcedores de clubes porto-alegrenses em Chapecó. Este fenômeno, além das questões identitárias ligadas à ocupação da Região Intermediária de Chapecó já discutidas, tem relação com a constituição de uma hierarquia urbana futebolística brasileira, que tem como principais eixos São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Estas cidades reúnem onze dos doze clubes (Santos é a exceção) com mais títulos nacionais e internacionais, e com as maiores torcidas, o que contribui para que sua área de influência extrapole suas regiões metropolitanas, estados e, eventualmente, macrorregião (sobretudo os clubes paulistanos e cariocas). Assim, é comum que pessoas de outros estados, mesmo sem ligação histórica ou espacial, como ter nascido ou morado na cidade destes clubes, torçam para eles, sobretudo devido ao sucesso futebolístico e à mídia.

Procuraremos responder agora às nossas quatro questões de pesquisa. A primeira delas é se *há uma influência crescente da Chapecoense no espaço de representação do futebol de Chapecó e deste nos demais municípios da RMC?* Não há outras pesquisas de torcida realizadas na RMC por municípios, o que impossibilita afirmar que a torcida da Chapecoense vem aumentando na região. Entretanto, este fenômeno pode ser observado através da fundação de consulados, o que não demonstra necessariamente aumento quantitativo de torcedores, mas incremento na organização e na intensidade de torcida e atuação destes torcedores perante o clube e a sociedade local. Há consulados em todos os municípios pesquisados, sendo quatro deles fundados entre 2016 e 2017, reforçando a ligação entre o sucesso futebolístico da Chapecoense e a maior adesão de torcedores.

Além disso, realizamos uma pesquisa de torcida entre 2013 e 2014 em Chapecó, que apontava que 57,39% dos habitantes de Chapecó pesquisados torciam para a Chapecoense como primeiro ou segundo time (GALLEGO CAMPOS; BETTONI, 2016). Este percentual é consideravelmente inferior ao de 78,51%, em Chapecó, encontrado na pesquisa que realizamos em 2016 e, inclusive, menor do que os percentuais de todos os municípios da RMC (o menor registrado foi o de Pinhalzinho, com 63,74%). O percentual de torcedores que declararam torcer para a

Chapecoense como primeiro time também foi consideravelmente menor em 2013 e 2014: 23,69%, em Chapecó, comparado a 43,37% da pesquisa realizada em 2016. O percentual de 23,69% é também inferior ao de todos os municípios da RMC, em 2016, sendo Pinhalzinho o caso que mais se aproxima, com 24,72%. Estes dados, além daqueles apresentados acerca da intensidade de torcida e do consumo corroboram a ideia do crescimento da presença da Chapecoense na vida cotidiana da cidade e, por extensão, da influência do espaço de representação do futebol de Chapecó nos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC. Este é um importante indício da metropolização futebolística de Chapecó que tanto potencializa quanto é potencializada pelo processo mais amplo de metropolização de Chapecó.

A segunda questão de pesquisa é: *Porto Alegre continua exercendo uma forte influência futebolística em Chapecó e nos demais municípios da RMC?* O percentual de torcedores dos clubes de Porto Alegre é grande em todos os municípios, conforme já apresentamos. Esta influência futebolística está ligada a fatores identitários relacionados à ocupação histórica da região, mas também à já mencionada hierarquia urbana do futebol brasileiro. Entretanto, é interessante observar que há baixo número de torcedores de clubes paulistas, cariocas e mineiros entre os participantes, o que confirma que a polarização futebolística tem relação com a influência cultural (e histórico-identitária) no sentido mais amplo. O fato de a região ter sido ocupada e receber ainda um grande contingente de migrantes gaúchos, faz com que a influência futebolística gaúcha seja maior do que a paulista ou carioca, que se manifestam de maneira hegemônica em outras regiões.

Embora uma relação inversamente proporcional não possa ser estabelecida entre número de torcedores da Chapecoense e de times da capital gaúcha, Pinhalzinho é o município com maior percentual de torcedores (como primeiro e segundo times) de clubes porto-alegrenses (81,87%) e também aquele em que há proporcionalmente menos torcedores da Chapecoense (63,74%). Entretanto, Chapecó é o município com maior percentual de torcedores da Chapecoense (78,51%), mas não é o que possui menor percentual de torcedores dos clubes porto-alegrenses: 66,61%, contra 61,49% de Seara. Isto pode ser explicado pelo menor percentual de participantes que declararam não torcer para nenhum clube em Chapecó (8,71%, o mais baixo de todos) em relação a Seara (12,64%, o mais alto de todos), já que os dois municípios possuem percentuais praticamente iguais de torcedores que torcem por dois clubes (64,94% em Seara e 64,86% em Chapecó). Podemos, então, observar que não há uma relação direta entre o número de torcedores da Chapecoense e o número de torcedores de times gaúchos.

Esta tendência de torcer por dois clubes nos leva à terceira questão de pesquisa: *Há um padrão de estruturação identitária com mais de um clube na RMC, sendo a Chapecoense o clube com mais torcedores?* De fato, os dados coletados apontam para um padrão de estruturação identitária futebolística em que os torcedores tendem a torcer por dois clubes, sendo um deles a

Chapecoense (como primeiro ou segundo time) e o outro um clube gaúcho (Grêmio ou Internacional). Isto é algo típico do espaço de representação do futebol Chapecoense (e, por extensão, da RMC), mas não é exclusividade local, o que futuros estudos semelhantes a este podem apontar.

Além das questões futebolísticas mais amplas que apresentamos (hierarquia urbana futebolística brasileira e questões histórico-identitárias), a proximidade (MAFFESOLI, 2006) é um elemento significativo na estruturação identitária futebolística, ou seja, há uma tendência (mas não uma regra) de se torcer para clubes que representem sua cidade ou região. Entretanto, isto só se converte em torcida efetiva (o que significa a pessoa se identificar como torcedor daquele clube) quando o clube consegue se estabelecer como esportivamente competitivo seja estadual seja nacionalmente. Isto significa que apenas quando o clube passa a disputar territorialidades futebolísticas com seus pares ele se torna mais relevante em número de torcedores (e quanto mais relevantes forem estes pares, mais intenso é este processo).

No nosso caso, a Chapecoense se estabelece como clube da cidade e, portanto, como portador de identidade (futebolística) local quando consegue concorrer por territorialidades em escala estadual, disputando (e eventualmente conquistando) títulos e criando rivalidades com os clubes mais tradicionais de Santa Catarina (Figueirense, Avaí, Joinville e Criciúma). Apesar do primeiro título catarinense da Chapecoense ter sido em 1977, o clube se tornou uma potência estadual na década de 2010 (três títulos e três vice-campeonatos em nova anos). Este também é o período de ascensão nacional da Chapecoense (em 2009 disputava a Série D e em 2014 já estava na Série A, na qual permaneceu até 2019). O crescimento no cenário estadual foi relevante para o aumento do número de torcedores da Chapecoense, mas foi a ascensão nacional que provocou uma redefinição de territorialidades, com disputas com clubes mais tradicionais, inclusive os gaúchos, colocando em xeque, na RMC, a ideia de torcer por um clube (grande) de Porto Alegre (pois disputa a elite nacional e torneios internacionais) e, ao mesmo tempo, por um clube (menor) local (que disputa, no máximo, o título catarinense e divisões nacionais mais baixas). Até a Chapecoense subir para a Série A, não havia este tipo de conflito, mas, se não houver mudança de panorama (a Chapecoense continuar com presença constante na Série A) nos próximos anos, é possível que o torcedor seja levado a escolher entre torcer por um ou outro, pelo menos em alguns momentos.

É fundamental, portanto, que sejam realizados outros estudos como este em outras regiões metropolitanas, bem como que ele seja repetido daqui a alguns anos para podermos apreender as modificações não apenas nas estruturas identitárias futebolísticas, mas também na evolução dos processos de metropolização e metropolização futebolística em Chapecó. Se faz necessário também estudar como este processo se dá nos municípios do Núcleo Metropolitano da RMC com menos de 10 mil habitantes, a fim de constatar se há relação entre o tamanho (e o perfil) do município com o

processo de metropolização futebolística – o que não conseguimos apreender naqueles municípios que pesquisamos. Outra possibilidade é fazer o mesmo estudo nos municípios da Área de Expansão Metropolitana da RMC que, por serem mais longe e, a princípio, menos polarizados por Chapecó, podem apresentar variações nos elementos pesquisados e no próprio processo de metropolização futebolística.

É essencial considerar também que a pesquisa de campo realizada ocorreu antes da tragédia aérea de 29 de novembro de 2016, que vitimou a delegação da Chapecoense que disputaria a final da Copa Sul-americana. Este fato e seus desdobramentos podem ter afetado questões de estruturação identitária futebolística local (e regional), padrões de consumo e as territorialidades da Chapecoense, influenciando (de certa forma) no processo de metropolização futebolística e na metropolização do espaço em geral em Chapecó. É necessário, portanto, investigar em que medida tais acontecimentos influenciaram direta e indiretamente os aspectos abordados neste trabalho.

Referências

“A CHAPECOENSE virou embaixadora do município”. **REDECOMSC**. 15 dez. 2014. Disponível em:

<http://redecomsc.com.br/portal/noticias/esportes/A_chapecoense_virou_embaixadora_do_municipio_19109>. Acessado em 22 abr. 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 22 abr. 2015.

CARLOS, A. F. A. São Paulo: dinâmica urbana e metropolização. **Revista Território**. Rio de Janeiro - Ano VII – n. 11, 12 e 13, p. 77-90, set./out., 2003.

CHAPECÓ. **Lei Complementar Nº 541, de 26 de novembro de 2014**: Aprova o Plano Diretor de Chapecó – PDC. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/plano-diretor-chapeco-sc>>. Acesso em 06 set. 2017.

CONSULADO da Chapecoense em Pinhalzinho inaugura outdoor. **Imprensa Do Povo**. Disponível em: <<http://www.imprensadopovo.com.br/cidades/pinhalzinho/consulado-da-chapecoense-de-pinhalzinho-inaugura-outdoor-1.1916919>>. Acesso em 27 nov. 2016.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

FNEM. Fórum Nacional De Entidades Metropolitanas. **Região Metropolitana de Chapecó**. Disponível em: <<http://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-chapeco-sc/>>. Acessado em 11 maio 2020.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALLEGO CAMPOS, F. R. Modificações nos espaço percebido, concebido e vivido em Chapecó-SC devido à Associação Chapecoense de Futebol no período de 2014 a 2016. **Geosul (UFSC)**. v. 33, n. 68, p. 366-394, set./dez., 2018.

- GALLEGO CAMPOS, F. R. Geografia do futebol das cidades médias brasileiras: relações entre sucesso esportivo características urbanas. **Terr@ Plural**. v. 14, n. 1, p. 1-21, 2020.
- GALLEGO CAMPOS, F. R.; BETTONI, M. Análise da ocorrência de faltas escolares devido ao futebol em duas instituições do ensino de Chapecó, Santa Catarina. **Caderno de Estudos Sociais**. v. 1, n. 2, p. 88-102, jul./dez., 2016.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOMES, P. C. C. **A condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=420420?>. Acesso em 22 abr. 2015.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 27 nov. 2016.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de influência das cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- LACOURT, C. L. Méthodologie de recherche et théorisation des villes. In: LACOURT, C. et PUISSANT, S. (Eds.). **La Métropolisation. Croissance, Diversité, Fractures**. Paris: Ed. Anthropos, p. 63-113, 1999.
- LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.
- LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.
- LENCIONI, S. A metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 120, p. 133-148, jan/jun 2011.
- LENCIONI, S. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande**. n. 39, p. 7-20, 2008.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MAIA, C. M.; ROLIM, A. Metropolização: novas territorialidades, novas dinâmicas espaciais e novas condições de urbanização em cidades de maior influência no Oeste Catarinense. **Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional**. Taquara/RS - v. 10, n. 2, p. 09-19, jul./dez. 2013.
- MASCARENHAS, G. Football, globalisation and local identity in Brazil. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 3: 1-14, mar./jun., 2008.
- MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**. Presidente Prudente, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.
- MATIELLO, A. M.; VILLELA, A. L. V.; FUJITA, C.; OTSUSCHI, C. ALBA, R. S. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, M. E. B.; MAIA, D. S. (Orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Dourados e Chapecó**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2016.
- MILANI, P. H.; SILVA, E. A. Centralidade urbana: um estudo do centro principal de Três Lagoas-MS. **Geografia em Atos**, n. 9, v.1, p. 1-10, 2009.

- MORAES, S. T.; GUARDA, A.; ZACCHI, G. S. A caracterização das regiões metropolitanas catarinenses e o Estatuto da Metrópole. **Geosul**, Florianópolis, v. 33, n. 67, p. 38-60, mai./ago. 2018.
- OLIVEIRA JÚNIOR, G. A Centralidade na problematização dos conteúdos da urbanização contemporânea nas cidades médias. **Geografia**. Londrina, v. 19, p. 63-84, 2010.
- PEREIRA, E. M.; VAZ, M. J. M. Imagens urbanas: diretrizes de planejamento e desenho urbano baseadas na leitura popular de espaços públicos. **Urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, p. 29-42, 2010.
- RAVENEL, L. Hiérarchies urbaines, hiérarchies sportives : quand le football français s'écarte de la norme européenne. **Espace géographique**. v.27 n.4, p. 339-348, 1998.
- RIBEIRO, L. C. Q; MOURA, R.; DELGADO, P.; SILVA, E. T. **Níveis de integração dos municípios em RMs, RIDEs e AUs à dinâmica da metropolização**. Relatório de pesquisa. Observatório de Metrópoles, dez., 2012.
- SANTA CATARINA. **Lei Complementar nº 377, de 17 de abril de 2007: Institui a Região Metropolitana de Chapecó e estabelece outras providências**. Disponível em: <<http://www.leisestaduais.com.br/sc/lei-complementar-n-377-2007-santa-catarina-institui-a-regiao-metropolitana-de-chapeco-e-estabelece-outras-providencias>>. Acesso em 22 abr. 2015.
- SANTA CATARINA. **Lei complementar nº 571, de 24 de maio de 2012: Institui as Regiões Metropolitanas do Extremo Oeste e do Contestado e altera a Lei Complementar nº 495, de 2010, que institui as Regiões Metropolitanas de Florianópolis, do Vale do Itajaí, do Alto Vale do Itajaí, do Norte/Nordeste Catarinense, de Lages, da Foz do Rio Itajaí, Carbonífera, de Tubarão e de Chapecó**. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/sc/lei-complementar-n-571-2012-santa-catarina-institui-as-regioes-metropolitanas-do-extremo-oeste-e-do-contestado-e-altera-a-lei-complementar-n-495-de-2010-que-institui-as-regioes-metropolitanas-de-florianopolis-do-vale-do-itajai-do-alto-vale-do-itajai-do-norte-nordeste-catarinense-de-lages-da-foz-do-rio-itajai-carbonifera-de-tubarao-e-de-chapeco>>. Acesso em 11 maio 2020.
- SANTA CATARINA. **Lei complementar nº 580, de 05 de outubro de 2012: Altera o parágrafo único do art. 11-A da Lei Complementar nº495, de 2010, que institui as Regiões Metropolitanas**. Disponível em: <http://leis.ale.sc.gov.br/html/2012/580_2012_Lei_complementar.html>. Acesso em 11 maio 2020.
- SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SERPA, A. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014.
- SHIELDS, R. **Lefebvre, love and struggle**. London: Routledge, 1999.
- SOJA, E. W. **Thirdspace**. Oxford: Blackwell, 1996.
- THÉRY, H. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 5, n. 9, p. 7-16, 2006.
- TOLEDO, L. H. Brazilian soccer: symbolic dimensions of its practice. **Soccer & Society**. Londres, v. 15, p. 1-17, 2013.
- VILLELA, A. L. V.; FUJITA, C.; ALBA, A. S. Centralidade no Oeste Catarinense: o papel de Chapecó. In: OLIVEIRA, H. C. M.; CALIXTO, M. J. M. S.; SOARES, B. R. (Orgs.). **Cidades Médias e Região**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.